

**CONSIDERAÇÕES ACERCA DA LIBERDADE E DA ÉTICA NA TESE  
A DIFERENÇA ENTRE AS FILOSOFIAS DA NATUREZA EM  
DEMÓCRITO E EPICURO DE KARL MARX**

Renato Almeida de Oliveira\*  
renatofilosofosds@yahoo.com.br

**Resumo:** Em 1839, Marx inicia a preparação de sua tese de doutoramento, que será apresentada em 1841, na Universidade de Jena, intitulada *Diferença entre as Filosofias da Natureza em Demócrito e Epicuro*. Mas o que levou um jovem estudante de filosofia, discípulo de Hegel, participante do movimento jovem hegeliano de esquerda, a dedicar-se aos estudos do atomismo grego? O objetivo deste artigo é responder essa questão, explicando como a filosofia atomista de Epicuro influenciou a ética marxiana a partir da liberdade fundada num princípio universal.

**Palavras-chave:** Liberdade, ética, Epicuro, Marx.

**Abstract:** In 1839 Marx begins to prepare his doctoral thesis, which will be presented in 1841 at the University of Jena, entitled *The difference between the philosophies of nature of Democritus and Epicurus*. But what led a young student of philosophy, a Hegel's disciple, participant in the young hegelian left, to dedicate himself to his studies of greek atomism? The aim of this paper is to answer this question, explaining how the atomistic philosophy of Epicurus influenced the Marx's ethics from the freedom based on a universal principle.

**Key-works:** Freedom, ethics, Epicurus and Marx.

Em 1839, Marx inicia a preparação de sua tese de doutoramento, que seria apresentada em 1841, na Universidade de Jena, sob o título *Diferença entre as Filosofias da Natureza em Demócrito e Epicuro*. Mas o que levou um jovem estudante de filosofia, discípulo de Hegel, participante do movimento neohegeliano de esquerda, a dedicar-se aos estudos do atomismo grego? Certamente, as discussões suscitadas pelo atomismo constituíram-se em temas clássicos da tradição filosófica. Contudo, não foi somente pela importância histórica do atomismo que Marx debruçou-se sobre seus temas. Para entendermos o que induziu o jovem estudante à análise das filosofias de Demócrito e Epicuro, é necessária uma contextualização do ambiente filosófico alemão no qual Marx estava inserido.

A filosofia alemã, desde o final do século XVIII, com a Revolução Transcendental de Kant, estava envolvida em discussões acerca dos *princípios fundamentais* do conhecimento e da realidade. Foram essas discussões a mola propulsora do Idealismo Alemão. A filosofia Transcendental kantiana buscava os fundamentos últimos de todo o conhecimento humano, o sustentáculo da racionalidade enquanto tal. Com isso, Kant dá uma nova configuração à filosofia, isto é, cria uma nova maneira de pensar o papel específico da filosofia. Filosofar não significaria mais tematizar objetos na tentativa de conhecer a realidade em si mesma, como fazia a metafísica, mas fazer uma crítica do próprio conhecimento, perguntar sobre as condições de possibilidade do saber, ou seja, analisar o aparato categorial da consciência humana que permite apreender a realidade por meio da experiência e organizá-la conceitualmente. Desse modo, Kant formula uma filosofia crítica que fundamenta as sentenças *a priori*, as quais são pressupostas enquanto fundamento do conhecimento dos objetos. Essa questão da fundamentação última tematizada por Kant foi radicalizada por Fichte. Para este pensador, o princípio último do saber é *auto-fundante*, pois tal princípio é um pressuposto ineliminável de todo o conhecimento, não podendo, portanto, ser abstraído sem ser pressuposto.<sup>1</sup> Mas qual seria esse

\* Mestrando em Filosofia na Universidade Federal do Ceará.

<sup>1</sup> Oliveira, M. A. *Sobre a Fundamentação*, p. 30.

pressuposto ineliminável? Conforme Fichte, esse pressuposto fundamental é o *Eu puro*, que se auto-põe enquanto fundamento da experiência. Todavia, o *Eu* distingue-se da experiência, pois, embora ela possa ser negada, o *Eu* é *absoluto*, quer dizer, não está sujeito à negação, pois sua própria negação o pressupõe.

Com Schelling, a questão da fundamentação toma nova configuração, visto que ele formula uma filosofia da fundamentação ontológica do conceito transcendental do *Eu* elaborado por Fichte. Schelling parte de uma análise do conceito de saber, o qual se dá na relação com a realidade. Desse modo, “a questão básica para Schelling consiste em buscar uma instância capaz de fundar essa relação à realidade como momento essencial do saber”.<sup>2</sup> Nesse sentido, Schelling vai além de Kant e Fichte, pois seu princípio procura superar a separação entre sujeito e objeto criada no idealismo subjetivo e, desse modo, fundamentar tanto o pensamento quanto a realidade. Conforme Manfredo Oliveira:

Nesse sentido se trata aqui [...] de *uma transformação realista do idealismo transcendental e de uma transformação crítica do realismo ontológico*; ou seja, Schelling, que pretende recuperar para a filosofia transcendental o terreno perdido do material, a realidade enquanto natureza, quer superar no *Eu* a sua auto-referencialidade pura. O princípio de Schelling não é mais simplesmente condição de possibilidade da consciência, mas fundamento originário do saber e de toda a realidade; ou seja, enquanto fundamento absoluto de si mesmo, ele está para além da relação sujeito-objeto do pensamento e, enquanto tal, é o princípio do ser e do pensar.<sup>3</sup>

Toda essa discussão a respeito da fundamentação última culmina no Idealismo hegeliano. A filosofia de Hegel constitui-se enquanto tentativa de articular as formulações do Idealismo Subjetivo de Kant e Fichte e do Idealismo Objetivo de Schelling. Para He-

<sup>2</sup> Oliveira, M. A. *Para além da fragmentação: pressupostos e objeções da racionalidade dialética contemporânea*, p. 169.

<sup>3</sup> *Idem*, p. 170.

gel, o pressuposto fundamental é a *Razão Absoluta*, e não a subjetividade, seja ela finita ou pura. Razão Absoluta significa unidade entre subjetividade e objetividade (Idéia). Em outros termos, o fundamento do pensar e do real é a totalidade ou Absoluto, a inter-relação entre os seres. Por isso Hegel afirma no § 20 da *Fenomenologia do Espírito*: “O verdadeiro é o todo”.

Portanto, a questão da fundamentação estava em pauta no contexto da filosofia alemã desde o final do século XVIII. O movimento jovem hegeliano, do qual Marx fazia parte, estava influenciado por essas discussões, a partir das quais os seus membros averiguavam a possibilidade de explicar o real a partir de um princípio universal. Marx buscou na filosofia atomista grega esse princípio, capaz de fundamentar e dar sentido à realidade e, acima de tudo, um princípio material, contrário ao princípio abstrato-especulativo dos idealistas.

Além da questão do princípio fundante, outra ainda era latente no meio dos jovens hegelianos, a saber, a questão acerca da *liberdade*. Hegel havia formulado uma liberdade universal em seu sistema filosófico. Porém, consoante seus críticos, no âmbito da filosofia prática essa liberdade desaparecera, dando lugar a um movimento necessário do Espírito na história. Desse modo, os jovens hegelianos buscavam uma alternativa à concepção de liberdade formulada por Hegel.

Para Marx, contudo, não era razoável abandonar a filosofia hegeliana sem analisá-la em seus pormenores; por isso ele recrimina seus companheiros do *Doktorclub* (grupo de jovens intelectuais influenciados na filosofia hegeliana), por eles abandonarem a filosofia de seu mestre sem mesmo analisá-la em suas formulações fundamentais. Partindo do arcabouço conceitual de Hegel, Marx analisa a idéia de liberdade no atomismo de Epicuro, almejando construir uma concepção própria de liberdade e fundamentar uma ética.

Portanto, fica claro que existe um duplo interesse filosófico de Marx ao estudar as filosofias da natureza de Demócrito e Epicuro. Por um lado, ele busca um princípio único e universal capaz de ex-

plicar toda a realidade e, por outro, elabora uma concepção ética fundada na liberdade, entendida como possibilidade abstrata, isto é, como autonomia individual dada pelo próprio movimento natural da realidade.

### I As diferenças entre as filosofias da natureza de Demócrito e Epicuro

A tarefa imediata de Marx em sua tese de doutorado foi resgatar a particularidade dos sistemas filosóficos pós-aristotélicos (epicurismo, estoicismo e ceticismo), e não apenas inseri-los num esquema genérico da filosofia grega, no qual eles apenas seriam analisados em comparação às filosofias anteriores. Em outras palavras, Marx pretende recordar a importância histórica do epicurismo, do estoicismo e do ceticismo em relação as filosofias que os precederam.

Os historiadores da filosofia consideram Platão e Aristóteles o ápice da filosofia grega e menosprezam os sistemas filosóficos posteriores. As escolas helenísticas, na maioria das vezes, são apresentadas como um apêndice ou mesmo sem nenhuma relação com seus antecessores, e quando tal relação é apresentada, esses historiadores simplesmente mostram que as escolas helenísticas não deram autênticas contribuições aos campos de investigação da filosofia de sua época. O epicurismo, por exemplo, aparece como “um agregado sincrético da física de Demócrito e da moral cirenaica”.<sup>4</sup> Já o estoicismo seria “uma mistura da especulação sobre a natureza no estilo heraclítico, da concepção cínico-ética do mundo e de uma pequena quantidade de lógica aristotélica”.<sup>5</sup> Por fim, o ceticismo “constituiria o mal necessário que se teria oposto a esse dogmatis-

<sup>4</sup> Marx, K. *Diferença entre as filosofias da natureza em Demócrito e Epicuro*, p. 135.

<sup>5</sup> Ibidem.

mo”.<sup>6</sup> Marx se opõe a essas leituras “clássicas” na medida em que apresenta diferenças fundamentais entre os sistemas filosóficos helenísticos e os sistemas pré-helenísticos, tomando como referência uma relação particular, a relação entre as filosofias de Demócrito e Epicuro.

Contudo, mister se faz o questionamento acerca da causa que conduziu Marx a tomar particularmente a relação entre as filosofias da natureza de Demócrito e Epicuro para fundamentar sua tese de que não existe uma mera repetição da filosofia pré-socrática e socrática pela filosofia helenística, mas existe uma certa continuidade, porém com saltos conceituais. Com efeito, para Marx,

adquiriu-se o hábito de identificar as físicas de Demócrito e de Epicuro, ao ponto de apenas ver nas modificações realizadas por Epicuro simples iniciativas arbitrárias [...] Mas é justamente por esse hábito, esse preconceito, ser tão antigo como a história da filosofia, por as diferenças estarem tão escondidas que só se revelam ao microscópio, que o resultado será tão mais importante se conseguirmos demonstrar a existência de uma diferença essencial, estendendo-se até aos pormenores entre as físicas de Demócrito e de Epicuro.<sup>7</sup>

Diversos pensadores clássicos se posicionaram criticamente sobre a postura de Epicuro ante a filosofia de Demócrito. Para eles, Epicuro teria se apropriado indevidamente da filosofia atomista democritiana como se fosse sua elaboração. Na 1ª parte, 2º capítulo de sua tese, intitulado *Opiniões sobre a relação existente entre a física de Demócrito e a de Epicuro*, Marx apresenta os argumentos de Possidório, Nicolau, Sócion, Cícero e Cotta. O último, por exemplo, questiona, na obra *De natura deorum* de Cícero: “Haverá alguma coisa na física de Epicuro que não pertença a Demócrito?”.<sup>8</sup> A resposta dada a tal questão é negativa. Para Cotta, bem como para

<sup>6</sup> Ibidem.

<sup>7</sup> Idem, p. 138.

<sup>8</sup> Idem, p. 139.

os demais críticos, embora Epicuro tente reformular alguns detalhes, essencialmente a sua filosofia é uma mera repetição da filosofia do pensador de Abdera. As vozes são unânimes: Epicuro é um plagiador e até mesmo um corrompedor da obra de Demócrito.

Além dos antigos, os padres da Igreja, em particular Clemente de Alexandria, e os filósofos modernos, especialmente Leibniz, reforçam o coro de crítica a Epicuro. Para fins de ilustração, citamos uma afirmação de Leibniz: “Grande parte daquilo que conhecemos desse grande homem (Demócrito) é o que Epicuro dele aproveitou, e este nem sempre aproveitou o melhor”.<sup>9</sup>

Marx, contudo, retira dessas críticas um testemunho fundamental para dar cabo à sua opinião sobre a relação entre Demócrito e Epicuro: destaca-se o fato inegável de Epicuro ter bebido na fonte da filosofia democritiana, principalmente no que diz respeito aos princípios dessa filosofia, ou seja, na idéia do átomo.

Distanciando-se das interpretações tradicionais, Marx sustenta uma oposição fundamental entre as filosofias da natureza dos dois filósofos em questão. Primeiramente, Marx faz uma *diferenciação genérica* dos aspectos fundamentais dos sistemas físicos de Demócrito e Epicuro. Por fim, ele realiza uma *diferenciação nos pormenores* de ambos os sistemas.

A *diferença genérica* diz respeito: 1) às questões da verdade e da certeza do conhecimento humano; 2) à forma como os dois pensadores vêem a filosofia e praticam a ciência; e 3) à relação entre realidade e pensamento (ser e pensar).

A primeira diferença genérica entre as filosofias da natureza de Demócrito e Epicuro refere-se à verdade e à certeza do conhecimento. Conforme Marx, o pensamento de Demócrito, no que concerne a essa questão, é contraditório. Para reforçar sua posição, ele cita duas passagens de Aristóteles, a primeira da obra *De anima* e a

<sup>9</sup> Idem, p. 141.

segunda da *Metafísica*, nas quais aparecem fragmentos de Demócrito que se contradizem fundamentalmente:

Lê-se na psicologia de Aristóteles: “Demócrito considera a alma e o entendimento como uma mesma coisa, dado que para ele o fenômeno é o verdadeiro”; e na *Metafísica* afirma-se o contrário: “Demócrito diz que nada é verdadeiro, ou que o verdadeiro nos é escondido!”<sup>10</sup>

Desse modo, Marx explicita como, desde os antigos, a contradição no pensamento de Demócrito a respeito da verdade já se apresentava. Em consequência disso, a certeza sobre o saber não pode ser determinada. Para Demócrito, todo fenômeno sensível é uma aparência subjetiva, ou seja, toda experiência é fundada na opinião (*doxa*). Porém, como o fenômeno pode constituir a verdade se ele é mutável? Nessa perspectiva, não pode haver uma certeza acerca da verdade.

Epicuro, por sua vez, afirma que o conhecimento deve ser convicto. É esse comportamento de convicção que o sábio deve ter e tal convicção provém dos sentidos, da percepção. Marx cita Epicuro: “Todos os sentidos são arautos do verdadeiro. Nada pode refutar a percepção sensível [...] Quanto ao conceito, também depende das percepções sensíveis”.<sup>11</sup>

Portanto, para Epicuro, a verdade é acessível ao homem por meio da sensibilidade. Contudo, para melhor compreensão desse pensamento, é necessário entendermos que Epicuro faz da realidade um fenômeno objetivo, diferente de Demócrito, que reduz a realidade a um fenômeno subjetivo. É a objetividade de que, em Epicuro, garante a veracidade do conhecimento.

A diferença na forma de conceber a verdade e a certeza do conhecimento conduz-nos a uma segunda diferença entre os dois filósofos, a saber, na forma como ambos se dedicaram à

<sup>10</sup> Idem, p. 144.

<sup>11</sup> Idem, p. 146.

prática da ciência e como conceberam a filosofia. Demócrito não encontrou satisfação na filosofia e, por esse motivo, dedicou-se vivamente às ciências particulares, ou como denomina Marx, às ciências positivas (física, matemática, astronomia, artes etc.), isto é, às ciências experimentais. “É por isso que Demócrito percorre metade do mundo a fim de comparar as experiências, conhecimentos e observações”.<sup>12</sup> Epicuro, por seu turno, satisfaz-se na filosofia, nela encontra a verdadeira felicidade. Para ele, quem se dedica à filosofia alcança a liberdade e o conhecimento autêntico. Desse modo, não há necessidade de buscar em outras ciências o pleno saber. Por esse motivo:

Enquanto Demócrito é levado a dirigir-se a todos os lugares do mundo, Epicuro só duas ou três vezes abandona o seu jardim de Atenas para ir à Iônia visitar os seus amigos. Finalmente, enquanto Demócrito, descrendo da ciência [da filosofia], opta pela cegueira, Epicuro, ao sentir aproximar-se a hora da morte, meteu-se num banho quente, exige vinho puro e recomenda aos seus amigos que sejam fiéis à filosofia.<sup>13</sup>

Vejamos agora como ambos os filósofos gregos concebem a relação entre liberdade e necessidade, que se liga à relação entre ser e pensar. Para Demócrito, a realidade é regida pela necessidade, pois os átomos estão submetidos a um movimento determinado. Para Epicuro, é o acaso quem rege o mundo, devido à declinação fundamental (*clinamen*). Essa diferença implicará diretamente na forma como ambos explicam os fenômenos físicos. Demócrito admite um determinismo a partir de uma “possibilidade real” (todo fato é causado por um encadeamento de condições) e Epicuro admite uma “possibilidade abstrata” (possibilidade entendida como autonomia).

<sup>12</sup> Idem, p. 147.

<sup>13</sup> Idem, p. 149.

## II A declinação do átomo e a liberdade humana: Marx e a ética epicuréia

Apresentada a diferença genérica entre as filosofias da natureza de Demócrito e Epicuro, Marx detém-se nos pormenores dessa diferença, considerando: 1) a declinação do átomo da linha reta; 2) as suas qualidades; 3) a diferença entre “átomos-princípios” e “átomos-elementos”; 4) o tempo e, por fim, 5) os meteoros. Porém, como o ponto sobre o qual Marx concentra a discussão é a noção de *clinamen* e como o interesse do nosso trabalho é levantar algumas considerações acerca da liberdade e da ética na tese doutoral de Marx, analisaremos apenas a idéia da declinação como possibilidade de pensarmos uma vida ética fundada na liberdade.

Conforme Marx, a filosofia de Epicuro admite três movimentos distintos dos átomos no vazio:

- 1) A queda em linha reta;
- 2) O desvio que os átomos realizam da linha reta;
- 3) O movimento de repulsão entre os átomos.

Não há uma concepção da declinação do átomo na filosofia de Demócrito. Já em Epicuro essa concepção é fundamental, e Marx a exalta, afirmando que Epicuro realiza, de fato, a determinação puramente formal do átomo e chega ao conceito de pura singularidade que nega todo o ser-aí determinado por um outro. Dito de outro modo, Epicuro concebe a declinação (determinação puramente formal) que o permite formular uma idéia de liberdade em oposição a qualquer formulação determinista, à necessidade (o outro que determina o ser-aí).

Marx explica que, na filosofia epicuréia, existe uma oposição entre os átomos e a linha reta. Embora aqueles estejam em movimento de queda nesta linha, o átomo é um corpo autônomo e essa autonomia é exemplificada nos corpos celestes. Tal como os corpos celestes, os átomos não se movem em linha reta porque esse movi-

mento é um movimento de não-autonomia. A determinação formal do átomo é a declinação que, por seu turno, opõe-se à materialidade do átomo, que é representada por Epicuro no movimento da linha reta; portanto, é a determinação formal que expressa a liberdade do mundo. Nessa perspectiva, Marx cita Lucrécio: “A declinação nega os *fati foedera* (determinações do destino) e, como aplica imediatamente este fato à consciência, podemos dizer que a declinação constitui no coração do átomo aquela qualquer coisa que pode lutar e resistir”.<sup>14</sup>

Cícero tece uma crítica ao princípio da declinação de Epicuro, por este não ter demonstrado nenhuma causa para tal declinação. Porém, Marx sai em defesa de Epicuro e afirma que a introdução de uma causa à declinação resultaria em um novo determinismo, uma vez que nos conduziria a uma relação necessária de causalidade. Desse modo,

perguntar a causa deste desvio corresponderia assim a perguntar a causa que faz do átomo um princípio, pergunta evidentemente privada de sentido para quem pensa que o átomo é a causa de tudo e que, portanto, não pode ter uma causa.<sup>15</sup>

Após apresentar a idéia de declinação, Marx considera, em seguida, um aspecto fundamental conseqüente da declinação, a saber, a liberdade enquanto princípio ético. A idéia de declinação, que gera a liberdade, fundamenta a ética epicuréia, haja vista tal ética relacionar-se, conforme Diógenes Laércio,<sup>16</sup> com os fatos que dizem respeito à escolha ou à rejeição. Devemos escolher aquilo que nos causa prazer e rejeitar aquilo que nos causa dor. Desse modo, os sentimentos têm um papel fundamental na ética epicuréia. Os sentimentos de prazer e de dor, de quietude e de perturbação são critérios para distinguirmos o bem do mal, constituindo assim o critério

<sup>14</sup> Idem, p. 170.

<sup>15</sup> Idem, p. 172.

<sup>16</sup> Laércio, D. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*, p. 285-290.

de *escolha* ou da *não-escolha*, ou seja, a regra do nosso agir. Portanto, as sensações tornam-se o critério axiológico do agir ético.

Isso implica dizer que um princípio da física tem relação direta na existência humana e fundamenta todo agir ético do indivíduo. Assim como o átomo se liberta da sua existência relativa, da queda determinada pela linha reta, o homem desvia-se da dor e da inquietação, revelando sua autonomia para alcançar a felicidade e quietude (*ataraxia*), finalidade da vida ética. Desse modo, o filósofo helênico conclui que para atingir essa felicidade, o homem deve buscar o conhecimento da natureza. Nas suas palavras:

Devemos ainda sustentar que a função da ciência da natureza é a determinação precisa da causa dos elementos principais e que nesse conhecimento consiste a felicidade, e também no conhecimento da natureza real dos corpos que vemos no céu, e na aquisição de conhecimentos afins que contribuem para o conhecimento completo a esse respeito, indispensável também à felicidade.<sup>17</sup>

Nessa perspectiva, a filosofia surge como essencial à vida humana, pois permite o conhecimento dos fenômenos naturais e nos ajuda a refletir sobre as causas primeiras do cosmos. Na epístola a Meneceu, Epicuro incentiva todos os homens, independente da idade, a filosofar. Citamos abaixo as palavras iniciais da referida epístola:

Nenhum jovem deve demorar a filosofar, e nenhum velho deve parar de filosofar, pois nunca é cedo demais nem tarde demais para a saúde da alma. Afirmar que a hora de filosofar ainda não chegou ou já passou é a mesma coisa que dizer que a hora da felicidade ainda não chegou ou já passou; devemos, portanto, filosofar na juventude e na velhice para que enquanto envelhecemos continuemos a ser jovens nas boas coisas mediante a agradável recordação do passado, e para que ainda jovens sejamos ao mesmo tempo velhos, graças ao destemor diante do porvir. Devemos então meditar sobre

<sup>17</sup> Idem, p. 301.

tudo que possa proporcionar a felicidade para que, se a temos, tenhamos tudo, e se não a temos, façamos tudo para tê-la.<sup>18</sup>

Portanto, para Epicuro, o homem almeja ser feliz e tal felicidade consiste na ausência de dor e perturbação. Esse estado de vida é alcançado mediante a investigação das causas dos fenômenos naturais. A finalidade do conhecimento dessas causas, quer as consideremos em suas relações recíprocas, quer isoladamente, é assegurar a paz de espírito ao homem, ser autárquico, dependente apenas de si para atingir essa felicidade. Conclui-se, daí, que a ética epicuréia está diretamente relacionada com a filosofia da natureza. A idéia de declinação possibilita a Epicuro fundamentar uma ética da liberdade.

Ainda a respeito da declinação, Marx extrai uma consequência antropológica que será fundamental à formulação posterior do seu conceito de homem. O ser humano é um ser natural, sensível, mas pode ir além de tal condição e viver de modo autônomo, efetivar sua genericidade, assim como o átomo declina do seu movimento natural de queda livre.

Assim, o homem só deixa de ser um produto natural quando o outro com quem se relaciona for um homem singular, mesmo que não seja ainda o espírito, e não uma qualquer existência diferente. Mas para que o homem enquanto homem se torne, para si mesmo, o seu único objeto efetivamente real, é necessário que tenha negado o seu ser relativo, o poder dos seus apetites e da simples natureza.<sup>19</sup>

Chegamos ao cerne da tese marxiana, qual seja, a fundamentação da realidade, e especificamente da liberdade humana, a partir de um princípio especulativo: a concepção epicuréia da “possibilidade abstrata”.

<sup>18</sup> Idem, p. 311.

<sup>19</sup> Marx, K. *Diferença entre as filosofias da natureza em Demócrito e Epicuro*, p. 175.

É válido ressaltar que Marx não defende a filosofia de Epicuro em sua integralidade, mas apenas está em consonância com algumas de suas concepções, em especial com a idéia de liberdade. “Insere-se nesse contexto seu manifesto apoio à rejeição de Epicuro por qualquer tipo de determinismo físico na ciência. Seria negar o próprio caráter do espírito considerá-lo sujeito às leis do movimento físico; o espírito é autônomo em relação à natureza”.<sup>20</sup>

Marx ressalta a liberdade porque esta é a capacidade que o homem possui de se auto-determinar, de desenvolver suas potencialidades. Ao longo de sua evolução filosófica, ele amadurecerá essa idéia por meio da concepção de trabalho enquanto categoria fundamental de efetivação da liberdade humana. Em sua tese, ainda não se apresenta essa concepção de trabalho. Somente alguns anos depois, por volta de 1844 é que essa concepção será formulada enquanto idéia central do sistema filosófico marxiano. A idéia de trabalho em Marx se opõe a forma estranhada de trabalho da modernidade, que assim como a “possibilidade real” de Demócrito, que imprimia uma necessidade no mundo, o trabalho estranhado suprime a liberdade humana e a torna sujeita a uma força exterior, o capital. O trabalho será realizado apenas como uma necessidade natural, a sobrevivência física do homem.<sup>21</sup>

Portanto, a influência de Epicuro no pensamento do jovem Marx é fundamental para o desenvolvimento posterior de sua filosofia, porque foi o filósofo helenista, na visão de Marx, quem melhor conseguiu formular uma concepção de liberdade fundada num princípio universal e que, além disso, subordinou a filosofia determinista da natureza a uma concepção moral do homem.

<sup>20</sup> Oliveira, A. R. *Marx e a Liberdade*, p. 47.

<sup>21</sup> Marx, K. *Manuscritos econômico-filosóficos*, p. 159-160.

## **Bibliografia**

LAÊRCIO, Diógenes. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*. Tradução de Mário da Gama Kury. Brasília: UnB, 1977.

MARX, Karl. *Diferença entre as filosofias da natureza em Demócrito e Epicuro*. Tradução de Conceição Jardim e Eduardo Lúcio Nogueira. Lisboa: Editorial Presença, 1972.

\_\_\_\_\_. *Manuscritos econômico-filosóficos*. Tradução de Artur Mo-  
rão. Lisboa: Edições 70, 1989.

OLIVEIRA, Avelino da Rosa. *Marx e a Liberdade*. Porto Alegre: EDI-  
PUCRS, 1997.

OLIVEIRA, Manfredo A. de. *Sobre a Fundamentação*. Porto Alegre:  
EDIPUCRS, 1997.

\_\_\_\_\_. *Para além da fragmentação: pressupostos e objeções da  
racionalidade dialética contemporânea*. Rio de Janeiro: Loyola, 2002.